



Espaços públicos construídos: percepção dos usuários do Parque Linear Rio do Peixe, Videira-SC.

Diogo Lemos

Universidade do Oeste de Santa Catarina

agendadoutorreparo@gmail.com

Inara Pagnussat Camara

Universidade do Oeste de Santa Catarina e Universidade de Lisboa

inara.pagnussat@hotmail.com

Joselaine Tesk

Universidade do Oeste de Santa Catarina

joselainetesk@gmail.com

Miriane de Oliveira

Universidade do Oeste de Santa Catarina

miriaane.oliveira@gmail.com

Gustavo Fernandes

Universidade do Oeste de Santa Catarina

planejurbano.domarquitetura@gmail.com



ESPAÇOS PÚBLICOS CONSTRUÍDOS: PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DO PARQUE LINEAR RIO DO PEIXE, VIDEIRA/SC

D. Lemos, I. P. Camara, J. Tesk, M. Oliveira

RESUMO

A paisagem urbana sofre transformações constantes com a dinâmica das cidades que (re) produzem os espaços. Compreender essa dinâmica e os seus resultados, emerge da necessidade de entendimento das cidades e os seus habitantes, locais mais equitativos e resilientes às transformações da sociedade. Na organização espacial das cidades, os locais com predominância verde têm papel importante por sua relação entre memória urbana, qualidade de vida advindas dos elementos naturais, da afetividade dos habitantes com o lugar e da memorialidade ocasionada através das relações entre espaço e tempo. Desta forma, entendemos que a qualidade da paisagem urbana é aferida por um arranjo de elementos de infraestrutura, mas também forma como as pessoas percebem o ambiente, frente as funções, dimensões, diversidade de usos e elementos que configuram o espaço. Neste estudo a análise da percepção de um espaço livre público é aferida pela identificação dos elementos que são entendidos pelos usuários como significativos para a qualidade da paisagem do Parque do Rio do Peixe (Videira - SC) e quais experiências são sentidas ao longo dos caminhos existentes no Parque, contudo, sem percursos pré-definidos pelos autores. A metodologia desta análise foi estruturada segundo estudos metodológicos de um compêndio de autores, mas principalmente com as ferramentas sugeridas por Gehl e Svarre (2013), Lynch (1960) e Cullen (1983) e Camara (2018). Ao final dos percursos, entrevistas não estruturadas foram feitas a aproximadamente 50 voluntários, em um período que ocorreu entre março de 2018 a março de 2020, variando em dias, horários e estações do ano. Os resultados, independente da época analisada, apontam preferências por áreas com predomínio de elementos naturais (água e massa verde), ambientes que ocasionam as sensações de segurança e elementos de identificação histórico-cultural, como sendo os preferidos para o uso.

1 INTRODUÇÃO

As cidades possuem uma dinâmica de produção e transformação constantes, modificando a paisagem urbana e alterando elementos de percepção do espaço. Camara e Moscarelli (2019, p. 30) afirmam que “compreender essa dinâmica e seus resultados, emerge da necessidade de compreender a cidade e seus habitantes, e ainda, o resultado dessas transformações (...) visando a construção de espaços mais sustentáveis, equitativos e impactantes na qualidade de vida cidadã”.

É através de um somatório de elementos importantes, como elementos naturais, a ecologia e a origem social (Hardt, 2000; Grimm e Redman, 2004) que os processos de produção do

espaço e as funções que esses locais oferecem aos cidadãos se tornam mais assertivas e mais precisas em resultados projetuais adequados as paisagens urbanas locais que são transformadas pelo homem.

Na organização espacial de um ambiente urbano as praças, parques e ambientes com predominância verde são considerados elementos de extrema importância, pois, além de sua função ambiental e de respiro urbano, possuem forte relação entre a paisagem construída e a memória do indivíduo (Certeau, 1996; Haesbaert, 2007; Halbawachs, 2006; Pollack, 1992; Camara e Moscarelli, 2019). Estes espaços são construídos e constituídos de elementos naturais (gramados, água, árvores, pedras, etc.), mas possuem conceitos afetivos, onde a percepção do usuário é importante pois leva em consideração sua afetividade com o lugar, a memorialidade que este possui e as relações entre o espaço e tempo (Amorin Filho, 1999; Machado, 1993; Rocha, 2003; Costa et al., 2011; Ryan, 2005).

Entendemos desta forma, que toda vez que um contexto material ou imaterial altera a paisagem, a paisagem é tomada pelo indivíduo, ou seja, acaba por introduzir no espaço novas funções, elementos e até mesmo valores pessoais (Camara e Moscarelli, 2019). O ambiente físico possui um arranjo de dimensões que são relativas não apenas as características físicas que o ambiente construído reflete, mas também a aspectos sociais. Destacamos como características físicas a (1) escala, (2) a inserção na malha urbana, (3) a infraestrutura, (4) a acessibilidade e mobilidade, (5) elementos específicos do sítio, como topografia e a presença hídrica ou de elementos próprios do sítio. Aos aspectos sociais, podemos entender como (1) as sensações, (2) as experiências vividas e a própria (3) base cultural de cada indivíduo. Acreditamos que ambas as dimensões de análise precisam ser consideradas quando estudados os ambientes urbanos.

O presente artigo parte da perspectiva de que, tais elementos combinados nos possibilitam compreender o coletivo, a forma de vida de uma população e criar sentido entre o espaço natural e a paisagem construída. A partir de leituras bibliográficas, entendemos que para análise da qualidade de vida e dos espaços urbanos, ainda necessitamos de avanços na construção de critérios multidisciplinares de avaliação. Essas análises são importantes a fim de se estabelecer parâmetros que possam ser incorporados aos processos e políticas de planejamento urbano.

Pretendemos com este trabalho, identificar a percepção e apropriação de usuários do Parque do Rio do Peixe, localizado em Videira/SC, após sua criação física, com foco na análise qualitativa de elementos constituintes no parque, os quais são percebidos pelos usuários e geradores de afetividade, imagem, memória e o seu impacto na atratividade do Parque como espaço livre. Entendendo que as paisagens naturais e os espaços abertos de caráter público influenciam significativamente na paisagem urbana, no planejamento urbano e na qualidade de vida particular de cada local.

2 A RELAÇÃO ENTRE A PAISAGEM URBANA E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL

O estudo da paisagem urbana é originário de meados do século XIX e advindo de conceitos relacionados ao espaço geográfico e ao território, mas entendemos que todos eles estão intrinsecamente relacionados. A paisagem urbana nada mais é que a transformação pelo homem, de um ambiente natural (paisagem) que se torna uma paisagem construída ou, da mesma forma, uma paisagem urbana – com elementos naturais e com elementos construídos constantemente sendo alterados e modificados pela sociedade. A paisagem não reside apenas no objeto (ambiente físico, o meio ambiente) e tampouco somente no sujeito (homem), mas na interação, complexa, entre ambos (Berque, 1994).

Embora a paisagem urbana seja decorrente de uma subjetividade decorrente (Claval, 2004), ela deve ser compreendida e estudada considerando o olhar do ser humano sobre o espaço, que, se modifica de acordo com a vivência ou cultura de cada pessoa. Melo et al., (2017, p.110) afirmam que

A percepção surge como um fator fundamental na formação das paisagens, pois estas se revelam diferentemente a cada observador. A percepção é um fator fundamental para a avaliação da relação do homem com o espaço onde ele vive e como ele visualiza o mundo externo. O estudo da percepção vem auxiliando na compreensão da relação homem/natureza, homem/ambiente construído, no processo de gestão e planejamento participativo em diversos lugares.

Outros autores estudaram ainda a percepção dos espaços urbanos como campos que podem determinar sentimentos, ideias, imaginários, necessidades, expectativas e interpretações da sociedade sobre a realidade urbana e dos acontecimentos cotidianos (Machado, 1993; Rocha, 2003). O campo da percepção ambiental possui ainda vertentes que estudam a mesma temática, como é o caso da psicologia ambiental. Cada linhagem é abordada por estudiosos de acordo com sua bagagem acadêmica e profissional. O tema de psicologia dos ambientes tem sido recentemente incorporado a arquitetura e urbanismo, com o objetivo de compreender a inter-relação entre o homem e o meio ambiente físico e social e os resultados de uma massificação da arquitetura e das transformações civis e sociais das últimas décadas. Neste contexto o ambiente, com a presença ou a ausência de elementos, expressa determinados comportamentos e sentimentos em um indivíduo ou em um grupo de indivíduos. Essa relação homem-ambiente é dinâmica, podendo influenciar o ser humano a moldar determinado espaço a partir das suas percepções, ao mesmo tempo que este espaço influencia no comportamento do ser (Moser, 1998; Silva, 2020). O conceito de “topofilia” foi criado na década de 1980 por Tuan o qual aborda exatamente a relação do homem com o meio e as respostas sentimentais, afetivas sejam elas estéticas ou táteis que diferem profundamente na intensidade ou modo de expressão.

A psicologia ambiental está associada a qualidade de vida das pessoas, em que se analisa como as condições ambientais afetam a capacidade cognitiva, social e física dos indivíduos em relação ao espaço urbano, contribuindo desta forma com a observação das percepções e interpretações do ser humano com o lugar. Cada indivíduo possui diferentes percepções, avaliações e respostas em relação ao local, respostas que podem ser físicas ou sociais, mas que permitem analisar os efeitos do ambiente sobre a conduta humana, seja de reciprocidade ou repulsividade (Moser, 1998; Silva, 2020).

Compreender a relação do ser humano com o seu espaço é entender a importância e a maneira de como ambos serão afetados, conforme Moser (1998, p. 122) “(...) a especificidade da psicologia ambiental é a de analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente”. É importante destacar que, embora as vivências e experiências do indivíduo influenciem em sua maneira de perceber, o ambiente também possui poder de influenciar e modificar essa percepção, através de quebras paradigmáticas e educação ambiental.

Todas as pessoas, em determinado momento da vida, já estiveram presentes em lugares que despertaram sensações agradáveis e não agradáveis, conforme o lugar, a disposição dos elementos, regras, cores, detalhes, o ambiente em geral provoca tal influência. Estes estudos levam em consideração como o ser humano atua com o espaço onde se encontra, como se sente, como intervém para moldar o lugar ligado ao seu bem-estar, ao mesmo tempo que também é moldado pelo ambiente (Valente, 2020).

A ciência da psicologia ambiental pode ser responsável e contribuir com estudos para a melhoria do espaço e planejamento urbano e também para a sua conservação, beneficiando

desta forma a sociedade em geral, como o convívio das pessoas com o ambiente urbano (Santos e Chalhub, 2012). Na arquitetura e no urbanismo, existe a necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio pois o passado possui grande relevância prática e emocional nas pessoas (Lynch, 1960), e o desenho da arquitetura ou da cidade possui relação direta com comportamento e percepção.

A percepção do espaço também está relacionada com os métodos aos quais os indivíduos atribuem um significado para o lugar. Em contrapartida, a percepção do espaço urbano resulta da integração e ordenação de uma estrutura compreensível da paisagem urbana (Goya, 1992) e nas modificações ou formas de planejar necessárias conforme a sociedade se transforma socialmente.

Na busca por entender a percepção das cidades pelos usuários, Lynch identificou os principais elementos de estruturação/legibilidade utilizado pelo ser humano no reconhecimento das cidades. Alguns elementos, apesar de semelhantes, locados em contextos diferentes, também podem adquirir significados diferentes. Além disso, a relação com o entorno é fundamental neste entendimento, de forma que nada pode ser experimentado individualmente. Outro fator importante é que a percepção ocorre aos poucos, portanto, o tempo é essencial no processo de reconhecimento (Saboya, 2008).

A imagem do espaço urbano pode ser analisada em três principais componentes: (1) a identidade, (2) a estrutura e (3) o significado. A identidade é caracterizada como algo individual ou particular do espaço em questão, seguido disso a estrutura está associada com o que o observador percebe em relação ao destaque com os outros objetos e, de forma conclusiva o significado, podendo ser prático ou emocional, que o observador apresenta em relação ao espaço ou aos elementos que compõem o lugar (Lynch, 1960).

De maneira geral, percebemos nos estudos desenvolvidos no decorrer da experiência acadêmica e profissional dos autores que as cidades se tornam agradáveis quando possuem contato direto com a natureza e com os elementos naturais, com a diversidade de usos nos espaços públicos, com a massa vegetal e com elementos que remetam a história ou cultura local. No caso de praças e parques, elementos sociais e públicos importantes das cidades do século XXI, a predominância dos elementos naturais destinados à recreação das pessoas, capazes de incorporar ambientes de conservação e memória (Klias, 1993; Gonçalves, 1994; Macedo e Sakata, 2003), se conservados e preservados, proporcionam a satisfação física e psicológica das pessoas, são lugares de lazer, socialização, redução de estresse e valorização estética no desenho urbano (Tardin, 2008; Bargas e Matias, 2011; Galender, 1992; Chiesura, 2004; Cvejic et al. 2015; Tzoulas et al., 2007; Alberti, 2005), além de importantes respiros em meio a urbanização.

A percepção dos indivíduos com os lugares, possibilitam entender a ideia da paisagem urbana como categoria descritiva, mas também enquanto discurso da imagem, construindo-se e sendo constitutiva da memória, cujos limites cognitivos são orientados pela experiência (Melo et al., 2017, p.112) e permitindo planejamento assertivo e ordenado. Este processo, segundo Oliveira (1983), constitui-se de fases distintas do qual a percepção faz parte (sensorial), assim como a seleção (memória), e pôr fim a atribuição de significados (raciocínio). Nas cidades atuais, os ambientes que geram bem-estar a um indivíduo, incluindo suas atitudes em relação ao lugar, somente pode ser vista e descrita através de evidências diárias e do caráter das circunstâncias físicas onde ocorrem.

Deste modo, nesta pesquisa, é através da paisagem urbana e do ambiente construído que acontecimentos são percebidos e geram emoções e símbolos para um local definido: o Parque do Rio do Peixe. Estudar e conhecer essas sensações geradas no usuário é importante para nortear futuros projetos ou mesmo manter a atratividade do Parque como um elemento de socialização, lazer e qualidade de vida. Sabemos que, em muitos casos os projetos são

pensados apenas baseado na percepção e experiência do corpo técnico que o produz, não considerando o usuário e visitante como agente da transformação.

3 MÉTODO

A metodologia de abordagem deste trabalho é de caráter qualitativo e os resultados dependem de como os habitantes e usuários percebem o Parque do Rio do Peixe. Esta pesquisa não objetiva a representatividade numérica, mas, a compreensão dos elementos existentes no espaço e as sensações geradas no usuário, através de informações coletadas (Gerhardt e Silveira, 2009; Tuan, 1980). Através de visitas *in-loco* no Parque, entrevistou-se 150 pessoas em diferentes pontos e trajetos, conforme descritos abaixo. Esta análise objetiva caracterizar a qualidade do Parque e compreender quais experiências são sentidas (afetividade, imagem, memória, identificação) e os elementos físicos existentes que são vistos como importantes pelos usuários.

Os métodos utilizados tiveram embasamento em autores como Whyte (1977) e Sartori (2000), que sugerem o triangulo metodológico formado pela tríade (1) observando, (2) perguntando e, (3) registrando. Como forma de fortificar estes métodos, utilizamos autores que abordam a qualidade da vida pública como Cullen (2006) com a análise de percursos (visão optica, visão local e conteúdo), Lynch (2012), através da análise de dimensões (vitalidade, sentido, adequação, acessos e controle, (Gehl e Svarre (2013) envolvendo a contagem, mapeamento, rastreamento, sombreamento, traços, imagens, diários e passeios teste e Camara (2018) percursos pré-definidos, questionários livres e registros.

De posse dos resultados das observações, foram realizadas entrevistas não estruturadas onde os usuários mostram fotografias e relatam as sensações, o que viram e chamou atenção, os pontos positivos e pontos negativos que identificaram. As entrevistas foram gravadas com o uso de *smartphones* e elaborados diários que estruturaram o resultado das percepções.

Através deste levantamento foi possível apurar ainda a percepção dos usuários quanto ao estado de qualidade e conservação do espaço público, em relação ao estado existente no local antes da elaboração e implantação do Parque, permitindo compreender a importância dos espaços públicos na qualidade de vida urbana e vislumbrando perspectivas de conservação e manutenção para o futuro próximo e novos projetos de caráter social e verde.

4 VIDEIRA E O PARQUE DO RIO DO PEIXE

É adorável como as pequenas e médias cidades têm sido alvo e tema de estudos contemporâneos sobre o urbanismo. Parece que finalmente, a sociedade tem percebido que precisamos qualificar não apenas as metrópoles ou grandes cidades, mas a valorização urbanística tem que ser democrática em toda sociedade.

O município de Videira está localizado no Meio-Oeste do estado de Santa Catarina, no Alto Vale do Rio do Peixe (Figura 01) em uma região até pouco tempo habitada apenas por caboclos e colonos, e com predomínio de matas fechadas e muita vegetação nativa. Seu território compreende uma área de 384,167 km² (IBGE, 2018) e possui população estimada de 52.510 habitantes (IBGE, 2018), e densidade demográfica de 124,09 hab/km² (IBGE, 2010), o que mostra que temos muita terra a ser trabalhada neste sítio. No índice de desenvolvimento humano, que mede parâmetros de educação, renda e longevidade, o município apresenta índice de 0,764 (IBGE, 2010), ocupando a 63^a colocação em nível estadual.



Fig. 1 Localização geográfica de Videira, Santa Catarina.

A cidade de Videira é integrante da região do antigo Vale do Contestado, atual Vale do Imigrante, onde é possível encontrar muita história, cultura e lazer em meio à natureza (Santa Catarina, 2019) e foi uma das cidades palco da Guerra do Contestado, que ocorreu entre os anos de 1912 a 1916, matando milhares de camponeses e transformando significativamente a cultura local. A estética natural não é predomínio da área rural do município pois a cidade possui o Rio do Peixe em seu centro, muita presença verde devido aos altos índices e diversidade topográfica. Contudo, carece de áreas de lazer, como praças e parques e é deficitária na divisão igualitária destes locais (Figura 02 e Figura 03).



Fig. 2 Igreja Matriz Fig.3 Percurso do Rio do Peixe.

Uma deficiência alarmante é a ausência de registro do município das áreas de lazer atuais, ficando registradas apenas as praças e parques mais antigos, como a Cidade da Criança (parque criado em meados dos anos 2000, localizado na área periférica), Praça Nereu Ramos (localizado na área central, implantado em meados da formação urbana) e Parque Linear Rio do Peixe (localizado na área central e implantado aproximadamente no ano de 2016). O foco deste estudo se concentra no Parque Linear Rio do Peixe, o qual está localizado na encosta do Rio do Peixe e foi o projeto mais recente de revitalização urbana (Figura 04 e Figura 05).

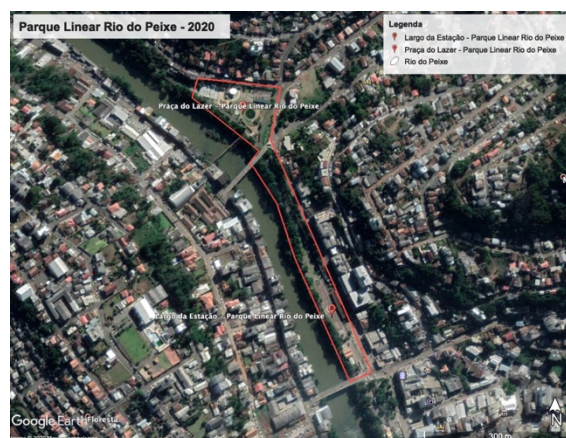


Fig. 4 Imagem do Parque em meados de 2009 e Fig. 5 Imagem atual do Parque (2020)

Com aproximadamente 40 mil m² de área e 120m lineares de extensão, o Parque Linear Rio do Peixe está inserido na área central da malha urbana de Videira e está envolto por grande diversidade de usos e formas de ocupação do solo. O parque possui integração direta com a cidade, com destaque para alguns de seus principais elementos, como o anfiteatro, as quadras poliesportivas, a Estação e a linha Ferroviária, e o marco inicial do parque e da urbanização de Videira. O Parque está paralelo ao Rio do Peixe, rio este que percorre o estado de Santa Catarina, iniciando na cidade de Calmon e com área territorial de 5.238km² (Santa Catarina, 2020).

5 ANÁLISE DA PERCEÇÃO DO USUÁRIO E DA QUALIDADE DO PARQUE LINEAR RIO DO PEIXE

A aplicação de entrevistas formais, nos permitiu resultados abertos e sem indução as respostas dos usuários. Em outras pesquisas, desenvolvemos um questionário padrão, com perguntas pré-definidas e percebemos que tal método limitava as respostas dos entrevistados. Entretanto, pesquisas deste caráter dependem muito da disposição dos entrevistados em responder com consciência e com a responsabilidade que os resultados geram, podendo ser base para grandes mudanças de planejamento dos espaços, quando os dados são utilizados pelo poder público.

As tabelas abaixo, representam as categorias mais analisadas que envolvem os elementos observados e as sensações relatadas pelos usuários durante a realização do estudo. Separamos os itens por: (1) mobiliários urbanos, (2) equipamentos urbanos e, (3) forrações ou massa vegetal. É importante destacar que os aspectos formais são apenas uma leitura física do objeto de análise, enquanto as características observadas foram descritas pelos entrevistados e registradas em um diário com levantamentos fotográficos e gravações de áudio – autorizadas pelos voluntários. Os resultados estão apresentados abaixo.

Tabela 1 Categoria de mobiliário urbano

MOBILIÁRIO	ASPECTOS FORMAIS	CARACTERÍSTICAS OBSERVADAS
BANCOS	Maioria com encosto. Produzido em ferro fundido e madeira	Carente de manutenção. Degradados pela ação do tempo. Desconexo em alguns pontos.
MESAS	Confeccionadas em madeira local	Baixa qualidade e poucos itens. Agradável por ser em madeira local – sustentabilidade.
LIXEIRAS	Variados formatos. (madeira, aço, plástico)	Falta de manutenção principalmente nas confeccionadas em madeira. Falta padronização.
ILUMINAÇÃO	Em tubos metálicos e luminárias em forma de cogumelo	Pouca quantidade. Necessitam manutenção. Geram insegurança em alguns pontos, pela ausência de postes ou balizadores.
FLOREIRAS	Na sua maioria em formato de barril	Em boas condições. Necessitam repintura. Características agradáveis, sempre floridos.



A tabela 01 apresenta os principais resultados do compêndio de respostas sobre mobiliário urbano. Os entrevistados possuíam idades variadas, desde crianças, jovens, adultos e idosos, e não foram questionadas as classes sociais evitando constrangimentos ou resultados subjetivos. Também não foram solicitados dados como sexo/gênero, idade exata ou nome e local de moradia. Entendemos que, os dados eram relevantes sobre as sensações e sentimentos em relação ao espaço naquele momento único ou na vivência que possuía com o parque do seu uso ocasional ou frequente.

No item de mobiliário, temos predominância geral das respostas sobre os elementos estarem em boas condições físicas, entretanto carentes de manutenção. Compreendo o processo de execução e instalação do projeto, que ocorreu em meados de 2012, após passados quase 8 anos, essa percepção do voluntário é um reflexo da necessidade de manutenção constante dos espaços, os quais entendemos que deveriam ser realizados em períodos que compreenderiam 5 anos. O mobiliário urbano está constantemente sofrendo ações do tempo e de intempéries e necessita de manutenção em menor espaço de tempo que outros elementos, como calçamentos ou árvores de maior porte. Entretanto, em nossos estudos também percebemos que não é um caso isolado do Parque do Rio do Peixe e sim dos espaços públicos em geral, sejam eles brasileiros ou estrangeiros.

Tabela 2 Categoria de equipamentos urbanos

EQUIPAMENTOS		ASPECTOS FORMAIS	CARACTERÍSTICAS OBSERVADAS
TRANSPORTE	BICICLETA	Pista bem demarcada, plana e bem sinalizada.	Bem sinalizado. Não possui uma rota, com início e fim.
	TRANSP. PÚBLICO	Não existe no Parque, apenas próximo.	Ausência de equipamento. Os usuários não sentem necessidade devido à proximidade de um ponto.
	PEDONAL	Calçadas, escadas e rampa planas ou com inclinações adequadas cnf. NBR.	Suficientes, com boas dimensões e inclinações. Em bom estado de manutenção.
CULTURA	ANFITEATRO	Formato circular em concreto e cobertura em formato de folha	Boas condições. Atrativo. Arquitetura mais elaborada, imitando uma árvore. Segurança.
ESPORTE	QUADRA ESPORTIVA	Formas definidas conforme a modalidade. Pisos em areia ou concreto, protegidas por telas.	Possuem boa manutenção, boa iluminação e estão protegidas.
	CICLORROTA	Pista bem demarcada, plana e bem sinalizada.	Bem sinalizado. Não possui uma rota, com início e fim.
	SKATE	Pista bem demarcada.	Está em bom estado, mas gera insegurança p/ crianças menores
SEGURANCA	POLÍCIA	Arq. com características construtivas da região.	Proporcionam a sensação de segurança. Prédios bem cuidados.
	CORPO DE BOMBEIROS	Arq. com características construtivas da região.	Proporcionam a sensação de segurança. Prédios bem cuidados.





As imagens e observações da tabela 02 nos mostram que os equipamentos estão em boas condições físicas e de manutenção, contando apenas com pequenos desgastes da ação do tempo, os quais seriam comuns em qualquer edificação com mais de 5 anos. Os usuários destacam a necessidade de criar um percurso na ciclotrilha pois, ela termina sem um local de retorno (ver imagem acima). Podemos comparar a orla do Guaíba (Porto Alegre) ou a orla da Lagoa da Pampulha (Belo Horizonte), que oferecem ao usuário um percurso definido e com uma paisagem agradável e com a presença hidrográfica.

Os demais espaços (quadras, anfiteatro e edificações internas no Parque), foram sinalizados pelos voluntários entrevistados como ambientes agradáveis e suficientes às necessidades de uso e satisfação. O anfiteatro foi o elemento de maior citação e destaque, visto que possui em sua forma a aparência de uma árvore. Percebemos que a diversidade de equipamentos torna o local atrativo e convidativo a diversas idades: a academia é mais utilizada por adultos e idosos, as quadras esportivas por jovens, as áreas de caminhada e ciclotrilha por crianças, jovens e adultos. A presença do corpo de bombeiros também gera a sensação de segurança.

Tabela 3 Categoria de arborização e forração vegetal

FORRAÇÃO	LOCAL	CARACTERÍSTICAS OBSERVADAS
GRAMA	Canteiros, taludes, jardins.	Recebe atenção constante. Está sempre bem cuidada e limpa. Os canteiros estão sempre bem cortados.
PISO INTERTRAVADO CONCRETO/ ASFALTO	Pista de caminhada, ciclotrilha e praças Muros, quadras esportivas, escadarias, monumentos	Baixa manutenção. É atrativo para crianças e permite a permeabilidade do solo. Apresenta trincas e fissuras. Requer proteção contra intempéries. Necessita repinturas. Possui áreas que geram insegurança aos usuários, por serem altos demais e possuírem pouca iluminação no entorno.
SEIXO ROLADO	Extensão da malha ferroviária, jardim central	De manutenção simples. Requer reposição constante. É um local atrativo para crianças.



Na categoria de arborização e forrações, o Parque é muito admirado pelos usuários. Estes destacam que os gramados estão sempre em bom estado e com manutenção constante de poda e corte. As árvores são de porte alto e raramente geram sensação de insegurança, principalmente no período noturno. Estas também não geram sujeira ou excesso na queda de flores, folhas ou frutos. Outro ponto muito notório nos resultados são a diversidade de espécies que formam composições estéticas agradáveis ao usuário do Parque, com gramados, áreas de seixo e permeabilidade e calçamentos planos e sempre limpos e conservados. Ainda, são diversas as formas de forração verde existentes, entre a grama convencional, grama amendoim e áreas com pequenos arbustos folhosos.

Embora de maneira simples, os passeios e áreas de pisos concretados são bem divididos e setorizados, estando sempre limpos e bem conservados. Reforçamos que, alguns entrevistados citaram que o espaço é bem cuidado pelo município e é a população que, na maioria das vezes deixa a desejar no cuidado e limpeza. Por fim, a diversidade de forrações, sejam para caminhada ou lazer, se tornam atrativas aos usuários do Parque Linear.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços públicos com predomínio verde estão cada mais em discussão nos trabalhos acadêmicos e nos processos de planejamento urbano pois são uma necessidade fundamental das cidades do século XXI. O crescimento acelerado, a grande massificação da arquitetura e a falta de tempo para lazer, tornam praças e parques respiros em meio a urbanização e são fortes indutores da melhoria estética das cidades. Estes espaços, quando preservados e com manutenção constante são utilizados para ponto de encontro e socialização da população e muitas vezes equipamentos de preservação histórica ou de preservação ambiental de um determinado sitio.

Entretanto, praças e parques são equipamentos urbanos mantidos pelas prefeituras municipais, na quase totalidade dos casos, e é compreensível que o olhar a estes locais seja deixado de lado por governanças menos atualizadas das necessidades de uma população, principalmente quando falamos em pequenas cidades. A comparação que fazemos aqui, diz respeito a olhares para necessidades mais imediatas, como saúde, educação e melhoria na economia urbana. Mas, o que nem sempre nossos governantes compreendem é que espaços para socialização e qualidade de vida das pessoas ameniza diversos outros problemas, incluindo a saúde pública.

No desenvolver dessa pesquisa, percebemos que a própria população não compreende, muitas vezes, a importância de áreas de lazer e com predomínio de massa vegetal e hidrográfica. As respostas apontam fortes indícios de olhares voltados a estética dos espaços, a qualidade dos mobiliários, a percepção momentânea do usuário e poucas vezes ao coletivo, como espaço de socialização, de embelezamento urbano e de auxílio a limpeza natural de uma cidade, que é possível através da permeabilidade e da vegetação.

Compreendemos que os métodos utilizados e a forma de avaliação da população é importante para melhoria no planejamento urbano, mas não deve ser o único método utilizado no levantamento de informações sobre uma determinada área urbana. Vários outros fatores precisam ser levados em conta ao analisar o espaço urbano e unidas a dados quantitativos, podemos obter resultados mais precisos e satisfatórios. O que é notório e era esperado desta pesquisa é a preferência por áreas verdes, arborizadas ou gramadas, por áreas coloridas e com apelos estéticos, históricos ou culturais e com a sensação de segurança e higiene destes espaços. A manutenção também é percebida, de maneira que proporciona a sensação de cuidado com o meio e a leitura de um espaço atrativo e agradável para socialização, utilização de equipamentos esportivos ou simplesmente contemplação.

REFERÊNCIAS

- Alberti, M. (2005) **The effects of urban patterns on ecosystem functioning**. International Regional Science Review, 28(2), 168-192.
- Amorin Filho, O. B. (1999) **A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia**. Sociedade e Natureza, Uberlândia, n. 21 e 22, p. 67-87.
- Bargos, D. C.; Matias, L. F. (2011). **Áreas verdes urbanas: um estudo de revisão e proposta conceitual**. V. 6, n. 3, REVSBAU, Piracicaba, p. 172-188.
- Camara, I. P. (2018) **Análise da percepção dos usuários do Parque da Gare – Passo Fundo/RS**. Dissertação de Mestrado. Faculdade Meridional, IMED.
- Camara, I. P.; Moscarelli, F. (2019) **Análise da paisagem e percepção pelos usuários do Parque da Gare, RS**. Passo Fundo: Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT), n.º 16, p. 30.
- Certeau, M. (2004) **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- Chiesura, A. (2004). **The role of urban parks for the sustainable city**. Landscape and Urban Planning. 68. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0169204603001865?via%3Dihub>. ISSN 0169-2046, 129–138
- Claval, Paul (2014). **Do olhar do Geógrafo a Geografia como Estudo do Olhar dos outros**. Conferência Proferida no IV Simpósio Nacional Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ.
- Costa, R. et al (2011). **Uso, afetividade e percepção: um estudo da satisfação dos frequentadores do Parque do Sabiá em Uberlândia-MG**. Revista de Geografia, v. 28, n. 1, p. 14-24.
- Cullen, G. (1983) **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, LDA, 210 p.
- Cvejic, Rozalija; Eler, Klemen; Pintar, Marina; Eleznikar, Špela; Haase, Dagmar; Kabisch, Nadja; Strohbach, Michael (2015) **A typology of urban green spaces, ecosystem provisioning services and demands**; Green Source, V10 •May 13th.
- Galender, F. C. (1992) **Considerações sobre a conceituação de espaços públicos**. Paisagem ambiente: Ensaios, n. 4, p. 113-120.
- Gehl, J. and Svarre, B. (2013) **How to Study Public Life**. Washington D.C.: Island Press.
- Gerhardt, Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo (2009) **Métodos de pesquisa**. 1º ed. Porto Alegre: Editora UFRGS. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>
- Gonçalvez, W. (1994) **Padrões de assentamento de áreas verdes municipais: uma visão crítica**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Goya P. (1992) **Percepção do Espaço Urbano: Análise da valorização de paisagens urbanas**. Paisagem e Ambiente, n. 4, p. 121-127.
- Grimm, N. B., & Redman, C. L. (2004). **Approaches to the study of urban ecosystems: The case of central Arizona**. Phoenix: Urban Ecosystems.
- Haesbaert, R. (2007) **Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades)**. In: HAESBAERT, R.; ARAUJO, F. Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, p. 33-56.
- Halbwachs, M (2006). **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro.
- Hardt, L. P. (2000). **Subsídios à gestão da qualidade da paisagem urbana**. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal). Curitiba: Universidade Federal do Paraná.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Cidades e Estados. **Cidades e Estados**. Disponível em : < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/videira.html>>. Acesso em 15 jun 2020.

Kliass, R. G. (1993) **Parques urbanos de São Paulo**. São Paulo: Pini Editora, 1993.

Lynch, K. (1960) **A Imagem da Cidade**. [S.l.]: Edições 70.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. (2003) **Parques urbanos no Brasil**. 2. ed. Coleção Quapá. São Paulo: Edusp.

Machado, L. P. (1993) **A Praça da Liberdade na percepção do usuário**. Revista Geografia e Ensino, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 18-33.

Melo, H. M. S.; Lopes, W. G. R.; Sampaio, D. B. (2007) **Os Parques Urbanos na História da Cidade: percepção, afetividade, imagem e memória da paisagem**. Revista Nacional de Gerenciamento das Cidades, v.05, n.32.

Moser, G. **Psicologia Ambiental**. (1998) Estudos de Psicologia, Natal, v. 3, n. 1, p. 121-130.

Oliveira, L. (1983) **A percepção da Qualidade Ambiental**. A Ação do Homem na Qualidade Ambiental. Rio Claro: UNESP.

Pollack, M. (1992) **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, v. 5, n.10, p.200-212.

Rocha, L. B. (2003). **O centro da cidade de Itabuna**. Trajetória, signos e significados. Ilhéus: Ed. UESC.

Ryan, R. L. **Exploring the effects of Environmental Experience on attachment to Urban Natural Areas**. Environment and Behavior, USA, v.37, n. 3, p. 1-41, 2005.

Saboya, R. (2020). **Urbanidades: Urbanismo, planejamento urbano e planos diretores**. Disponível em: < <https://urbanidades.arq.br>> . Acesso em: 15 mai. 2020.

SANTA CATARINA. **Comitê Rio do Peixe**. Comitê de Gerenciamento Bacia Hidrográfica do Rio do Peixe (ed.). Bacia Hidrográfica. Disponível em: <<https://www.aguas.sc.gov.br/bacia-rio-do-peixe/bacia-hidrografica-rio-do-peixe>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

Santos, E. L. D.; Chalhub, A. (2012) **Psicologia Ambiental: Conceções e Métodos de Trabalho**. Psicologado.. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-ambiental/psicologia-ambiental-concepcoes-e-metodos-de-trabalho>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

Sartori, M. G. B. (2000). **Clima e Percepção Geográfica**. Universidade de São Paulo. São Paulo.

Silva, J. D. A. D. (2020). **Psicologia Ambiental**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/portal-play?utm_source=728x90&utm_medium=cpa&utm_campaign=portalplay>. Acesso em: 28 ago. 2020.

Tardin, R. **Espaços livres: sistema e projeto territorial**. (2008). Rio de Janeiro: 7Letras.

Tuan, Y.. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (1980) São Paulo: Difel.

Tzoulas, K.; Korpela, K.; Venn, S.; Yli-Pelkonen, V.; Kamierczak, A.; Niemela, J.; James P.. **Promoting ecosystem and human health in urban areas using Green Infrastructure: a literature review**.(2007) Landscape and Urban Planning, 81.

Valente, P. (2020) **Psicologia Ambiental: A influência do Ambiente na Saúde Mental das pessoas**. CENAT, 2020. Disponível em: <<https://blog.cenatcursos.com.br/psicologia-ambiental-a-influencia-do-ambiente-na-saude-mental-das-pessoas/>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

Whyte, A. V. **Guidelines for Fields Studies in Environmental Perception: Technical Notes** 5 (1997). França: UNESCO. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0002/000247/024707eo.pdf>. Acesso em: junho de 2018.